



INTERCOM – Sociedade Brasileira de Estudos Interdisciplinares da Comunicação
XXV Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação – Salvador/BA – 1 a 5 Set 2002

CIBERESPAÇO E NOVOS MOVIMENTOS SOCIAIS

Vivian F. D. Urquidi
Faculdades Integradas do Oeste de Minas

RESUMO: Trabalho sobre a apropriação dos dispositivos das novas tecnologias da comunicação e da informática pelos Novos Movimentos Sociais que visam a divulgação das suas ações, a legitimação das suas organizações e a articulação interna e externa do movimento. O trabalho questiona as análises instrumentalizadoras do espaço criado pelas novas tecnologias, partindo do princípio de que o que interessa neste momento histórico é a forma de apropriação que a sociedade faz dos novos dispositivos de comunicação, bem como o modo como as novas mídias são incorporadas no ecossistema comunicacional dos movimentos. Um conceito que nos permite trabalhar esta perspectiva é o de Ciberespaço, proposto e definido por Pierre Lévy.

Palavra chave: Ciberespaço, Novos Movimentos Sociais e Ecossistema comunicativo



Introdução

Um grupo ou indivíduo qualquer, sejam quais forem suas origens geográficas e sociais, mesmo que não tenha quase nenhum poder econômico, contanto que lance mão de um mínimo de competências técnicas, pode investir no ciberespaço por conta própria e adquirir dados, entrar em contato com outros grupos ou pessoas, participar de comunidades virtuais ou difundir para um público vasto informações de todos os tipos que ele julgar dignas de interesse.

(Pierre Lévy)

O que estamos vivenciando nesta última década, e que Castells convencionou chamar a *sociedade informacional*, trata-se de transformações que vão para além do plano estrutural das novas tecnologias, atingindo em cheio as manifestações culturais e a organização política e econômica da sociedade. É sob essa perspectiva que a crítica pós-moderna entende a crise pós-industrial que produziu fragmentação social, descentrou o indivíduo, e tornou mais complexa a sociedade. De modo coincidente, mas com um olhar distinto, as vertentes culturais observaram que a *sociedade informacional* introduziu práticas comunicativas no plano local e no da produção dos sentidos.

De fato, as características específicas deste *espaço comunicativo* gerado com as novas tecnologias justificam o surgimento de abordagem teórica distinta, considerando-se caráter particularmente *multidirecionado* da informação veiculada em *rede*, o foco *descentrado* da emissão das mensagens que associa *diversas mídias e linguagens*, assim como o princípio *interativo* e *virtual* da comunicação.

As ações diversas que a comunicação em rede oferece às sociedades nela e por ela interligadas se alimentam da velocidade de intercâmbio da informação ilimitada e reduzida em custos, aspectos que, aliados à interatividade e diversidade de recursos midiáticos, traduzem o caráter concreto desta “revolução”, e das práticas culturais emergentes da sociedade *cibermediatizada*.

No entanto, num contexto em que os usos dos recursos da informática, e da comunicação fornecem novos objetos de estudo, a tecnologia não pode ser analisada apenas como *instrumento* da nova *sociedade informacional*, visto que ela é componente de um novo *ecossistema comunicativo*.



INTERCOM – Sociedade Brasileira de Estudos Interdisciplinares da Comunicação
XXV Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação – Salvador/BA – 1 a 5 Set 2002

É nesse sentido que aqui se analisará a introdução dos recursos da informática aliados aos da multimídia, não apenas como um meio de comunicação, mas como um *espaço de ação da sociedade* através das novas tecnologias, com dimensões e tendências universais, que o filósofo Pierre Lévy (1999) denomina como o *Ciberespaço*.

No “*ecosistema*” do ciberespaço, como noutros cenários de recontra social, reproduzem-se também confrontos de interesses e de disputa, que neste caso, concentram-se no domínio das potencialidades tecnológicas emergentes, suas linguagens e sua penetração social. Se no âmbito geral do capitalismo, o atrito social está determinado pelo confronto de interesses econômicos; no espaço comunicacional da *sociedade informacional*, o embate se define pela capacidade maior de apropriação dos recursos tecnológicos, em prol da expansão global do mercado, e em detrimento da satisfação mais depurada das carências sociais.

A propriedade desigual da tecnologia de ponta e sua assimétrica distribuição em certos países, ainda que mantenham um grau constante de reprodução das desigualdades, não conseguem nem determinar uma tendência definitiva à exclusão tecnológica, nem cercear a apropriação destes recursos por setores sociais marginais a esse desenvolvimento. Longe disso, a tecnologia de informação e sua adequação diferenciada de usos, ampliaram as possibilidades da ação social e dos movimentos interativos, disseminando as experiências particulares e as acumulações subjetivas nas redes da informação. Assim, é possível afirmar que o foco da irradiação de sentidos e ideologias fugiu do controle hegemônico de certos países, para se estender ao longo do *ciberespaço*, onde participam comunidades distintas de diversas regiões do mundo e com interesses heterogêneos.

É nesse sentido que Lévy esboçou o conceito de *ciberespaço*, como um local da “prática de comunicação interativa, recíproca, comunitária e intercomunitária... como horizonte de mundo virtual vivo, heterogêneo e intotalizável no qual o ser humano pode participar e contribuir” (Lévy, 1999: 126). E é nesse sentido também que aqui desenvolveremos a principal tese deste trabalho que é reconstituir os rastros, no cenário de conflito do ciberespaço, das ações dos novos movimentos sociais na tentativa de construir alternativas distintas à “globalização capitalista”, na forma de organização social, produtiva.

Rastrear as pistas que as ações coletivas deixam no local novo da cibercultura permitirá constatar dois pressupostos deste trabalho: o de que está se constituindo uma



nova sociedade civil internacionalista, oposta à sociedade política supra-nacional e “globalizada” no capitalismo, e que essa nova sociedade civil está incorporando às suas práticas de mobilização tradicional, os recursos do ciberespaço, que não entram como um instrumento a mais, senão como um elemento constitutivo das novas formas de relacionamento. Na cibercultura emergente, as novas tecnologias são o local novo da atuação social, ou nas palavras de Martin Barbeiro¹, um ecossistema comunicativo distinto.

Lógica da Reprodução Social da Desigualdade

Ao questionarmos as teorias que ponderam a comunicação a partir do uso *instrumental* da informática e das tecnologias da comunicação, buscamos fugir das interpretações que acreditavam ora que os meios de massa abririam canais insuspeitos da liberação e democratização social, ora que seriam aparelhos de dominação e alienação cultural. De fato, é inegável a importância instrumental da mídia na sociedade moderna e que continuamente as empresas de comunicação têm se devotado ao serviço de interesses particulares, emudecendo demandas sociais gerais. Uma interpretação clássica nessa perspectiva foi de Louis Althusser (1970), e da sua análise da mídia, como aparelho estatal imbuído de reproduzir os interesses ideológicos das classes dominantes.

Por este juízo, um tanto determinista, a praxe social estaria impossibilitada de fornecer alternativas ao proceder hegemônico, dada a índole centralizada e vertical do poder. Michel Foucault (1998) assume um viés diferente quando analisa o poder não como *objeto que se possui* ou que certa classe *detenha e centralize*, mas como uma *competência que se exerce* no Estado e na sociedade.

Os valores preponderantes, a organização disciplinar da sociedade e o reconhecimento da legitimidade estatal, isto é, as formas hegemônicas do poder, na perspectiva foucaultiana, não precisam ser concentradas no Estado nem exercidas pelo uso de seus aparelhos, mas estar disseminadas no tecido social, que as reconhece e reproduz, como microestrutura de poder. Sendo assim, o exercício do poder

¹ Ecossistema comunicativo está aqui entendido como o habitat constituído pelas práticas sociais e os processos comunicacionais com suas tecnologias (Martin-Barbero, 1999).



descentralizado admitiria o recurso também da resistência social, e nesse foro, a germinação de estruturas alternativas de prática de poder.

Num refinamento desta análise, a partir de Gramsci e de seu conceito de hegemonia, Garcia Canclini (1993) sugere que o ato da *dominação* realiza-se apenas pelo ato de *consenso* que o precede, segundo o qual, setores dominantes e subalternos da sociedade *negociariam* os termos da hegemonia da classe dominante. De fato, nessa negociação inexistiria a equidade na construção do *consenso*, porquanto transigir valores não implica superação de desigualdades. Mesmo assim, a negociação na margem dada pela busca do *consenso* exige pensar num sujeito ativo *negociador de sentidos*, no plano dos setores subalternos, superando as já tradicionais interpretações da recepção como formada por massas indefesas, passivas e alienadas. Nesta nova perspectiva, o modelo da comunicação não pressupõe a existência de um centro processador de informações, mas afirma-se a existência de uma comunicação multidimensionada e mediada no local da recepção², com a forma de uma *rede* de sentidos sempre fluindo e sendo elaborados em locais não pré-estabelecidos.

A reprodução social da desigualdade nessa perspectiva não será produto de certo determinismo histórico, mas de *relacionamentos negociados* em condições iníquas; em que a superação depende, por um lado, do modo como a sociedade se organize, atue e imponha suas prioridades *sobre e contra* os interesses dos setores dominantes, e por outro lado, pela robustez -ou fragilidade- da hegemonia imperante. Assim, por exemplo, na crítica situação do neoliberalismo³ como modelo hegemônico atual, as instâncias incumbidas de consolidar os consensos entre Estado e sociedade expõem, também, sua falência de efeito, facilitando o surgimento de vozes dissidentes na sociedade. A este setor inconformado, podemos chamar de setor organizado da *sociedade civil*, fazendo uso de outro conceito fundamental de Gramsci e que nos permite analisar uma nova tese neste trabalho.

O conceito de *sociedade civil* -pensado por Gramsci para formações sócio-políticas do capitalismo emergente a partir do século XVIII- deriva, em princípio, de uma oposição entre o Estado -a *sociedade política como o domínio público*- e a *sociedade civil* -o espaço do privado. No capitalismo, a relação antagônica entre sociedade política e civil

² Sobre as teorias da recepção e da mediação ver Martin-Barbero (1997).

³ Sobre a crise do neoliberalismo e a organização da sociedade nesta crise de modelo, ver Sader & Gentili (1995)



faria com que essa oposição não fosse absoluta, já que a burguesia, parte da sociedade civil, teria se apropriado do Estado, colocado-o a favor dos seus interesses de classe. Por este motivo, uma nova distinção deveria ser feita, segundo a qual, haveria um setor da sociedade civil com interesses capitalistas e em posse do Estado, antagônico a outro setor da sociedade civil e anticapitalista.

O desafio que aqui se apresenta é trazer um conceito concebido para a sociedade moderna para entender uma situação de hegemonia distinta, a neoliberal, com suas transformações radicais na correlação de forças entre classes e Estados: a desregulamentação do Estado fortaleceu o capital, em detrimento do trabalho, incentivou o capital financeiro e especulativo, em prejuízo do produtivo, e as reformas estruturais atenuaram a importância das fronteiras nacionais em prol da atuação global do capital. No plano da sociedade civil e política, também houve uma mudança de cenário: a uma sociedade política, representada por instituições internacionais a serviço do capitalismo –o FMI, Banco Mundial, G-8, entre outros-, corresponde uma sociedade civil anti-capitalista, expressa pelos novos movimentos sociais e outras instâncias da organização civil internacionalista. São os movimentos ecológicos, o “ativismo” contra a globalização capitalista, bem como os movimentos indígenas supranacionais, as organizações feministas, e muitos outros. São estes os movimentos que atualmente estão se posicionando no espaço cibernético e produzindo sentidos distintos aos da hegemonia neoliberal, o que exige uma afirmação que posiciona este trabalho: esta sociedade civil internacional e anti-capitalista alcançou sua forma atual, não apenas pelo *uso e apropriação* que fez das tecnologias da informação, como principalmente porque com elas construiu um novo ecossistema comunicativo, que compõe um novo espaço público da mobilização social e que veio complementar e, algumas vezes, substituir os clássicos locais de reunião social.

Com o acima referido, não se pretende esquecer que a crise do modelo neoliberal gerou também dispersão social, da mesma forma que a retração do Estado deixou a população à mercê dos *caprichos do mercado* e suas *lógicas transfronteiriças* (Mattelart, 2000), cujos resultados seriam a desagregação social e a perda de referenciais identitários e culturais.

Ainda mais, o alcance e as possibilidades das tecnologias da comunicação estariam também limitados pela lógica e a expansão do mercado, pois nem a comunicação mediada por computadores é um meio geral nem o será em um futuro próximo: *embora seu uso se expanda em ritmo fenomenal, a comunicação mediada por computadores ainda excluirá a maior parte da humanidade por um longo tempo, ao contrário da televisão e outros meios de comunicação de massa* (Castells, 1999: 382).

A despeito disso, não podemos ignorar os benesses e as alternativas singulares que os avanços das tecnologias permitiram à sociedade, atuando longe do controle estatal e de grupos econômicos ou políticos interessados em centralizar a informação. É nesse sentido que Lévy observa o surgimento das novas tecnologias de comunicação e informática frente à sociedade em que *a ecologia das técnicas de comunicação propõe, [enquanto que] os atores humanos dispõem. São eles que decidem em última instância,*



INTERCOM – Sociedade Brasileira de Estudos Interdisciplinares da Comunicação
XXV Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação – Salvador/BA – 1 a 5 Set 2002

deliberadamente ou na semi-inconsciência dos efeitos coletivos, do universo cultural que constroem juntos. É preciso ainda que tenham percebido a possibilidade de novas escolhas (Lévy, 1999:117). Analisemos, então, de modo mais preciso o que Pierre Lévy denomina como ciberespaço.

Ciberespaço e Organização Social

O ciberespaço não é um *meio de comunicação* avançado e mais completo. Ele é um *local novo* em que os sentidos são negociados. Nele, há formas diversas de inter-relacionamento, manifestam-se conflitos atuais e a diversidade. Ciberespaço, segundo Lévy, *especifica não apenas a infraestrutura material da comunicação digital, mas também o universo oceânico de informações que abriga, assim como os seres humanos que navegam e alimentam este universo* (Lévy, 1999:17), o que sugere, logo de início, que este novo espaço é de *sujeitos atuantes*, antes que de passivos receptores, e o local da subjetividade: abriga não apenas ideologias, valores e manifestações intelectuais, como também é o local das emoções, intenções e projetos.

Nesse sentido, ele não é nem um espaço de *fetichismo* da informação nem de reificação do consumidor, o que não nega, entretanto, que nele existam estruturas de dominação ou que nela se intensifiquem as desigualdades típicas das sociedades de classe. Pelo contrário, o crescimento do ciberespaço coincide com a expansão do capital e do controle político das potências hegemônicas, segundo Lévy, o que, contudo, não impede que se abram as possibilidades para que sociedades menos desenvolvidas e coletividades se apropriem das ferramentas e benesses da comunicação digital.

A universalidade, característica fundamental do ciberespaço, que Lévy define como *a presença virtual da humanidade* (Lévy, 1999:247), é a participação potencial de todos os seres humanos, conectados, inter-relacionados de modo interativo, num universo novo, em que todas as comunidades podem se articular interna e externamente, e assim, se comunicando, suprimir os monopólios da informação e da organização social antes concentrados principalmente nos Estados. O caráter virtual do ciberespaço é a extensão possível dos seres humanos, antes que a desmaterialização ou desrealização da realidade (Lévy, 1999:229). O virtual trata das potencialidades de atualização do já existente, seja pela aproximação do afastado e longínquo, seja pela realização do que



está em cálculo potencial, seja, finalmente, pelas possibilidades de interação (Lévy, 1999:72-74).

O ciberespaço, de fato, não foge das características técnicas da mídia moderna, nem deixa de veicular interesses particulares, podendo limitar seus dispositivos à reprodução *on-line* dos, há muito descritos, *usos* da mídia de massa, i.e., a emissão de mensagens de “um para todos”, transformando-o em versões *on-line* de jornais, rádios e programas de televisão.

A pesar disso, o ciberespaço é um território novo com opções diferenciadas das existentes na reprodução da mídia tradicional, a ponto de, concretamente, conseguir contestar os monopólios da expressão pública, expressar de modo crescente a variedade de visões de mundo e abrir as possibilidades de navegar por roteiros particularizados, desenvolvendo comunidades virtuais e contatos interpessoais à distância. Foi o caso das alternativas informativas oferecidas na mídia tradicional e no ciberespaço, após os atentados do 11 de setembro de 2001 contra os Estados Unidos e sua resposta na guerra contra o Afeganistão. Em momentos de elevado controle de informação pelo Departamento de Estado, esperava-se que a informação estivesse limitada ao material fornecido pelas grandes agências de notícia internacional. A realidade, contudo, evidenciou não apenas mídias alternativas -como a dos países árabes *Al Jhazira-*, como também apresentou vasto material publicado em páginas da Internet por pessoas do mundo todo, num tráfico multidirecional de informação interpessoal, grupal e comunitária, e de perfis ideológicos os mais distintos. Gerou-se, assim, tal quantidade de informação, comentários e opiniões sem direção nem organização, dificultando as medidas de interdição, filtragem e controle das centrais mundiais de inteligência.

É nesse sentido que o ciberespaço complementa uma tendência dos movimentos sociais contemporâneos de atuarem como *sociedade civil contra o estado* ou contra suas formas supra-estatais hegemônicas de organização política. Para isso, outras características do ciberespaço foram exploradas, como a da *descentralização* e do *deslocamento* que retiram o poder de um centro territorialmente estabelecido.

Ainda sob estas características, os movimentos e comunidades que utilizam o ciberespaço conseguem fortalecer suas relações grupais regionais, ampliando o universo da democracia social nestes setores, e enfraquecendo as formas autoritárias e



INTERCOM – Sociedade Brasileira de Estudos Interdisciplinares da Comunicação
XXV Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação – Salvador/BA – 1 a 5 Set 2002

totalizadoras da realidade. É a natureza anárquica e desregrada do ciberespaço que facilita a organização e usos distintos dos constituídos no plano estatal ou supra-estatal de exercício de poder. É nesse sentido que Seoane e Taddei (2001:113) afirmam que Seattle, como o momento fundacional das manifestações internacionais contra a globalização capitalista, seria *impensável, sem a irrupção midiática*.

Por outra parte, a tendência à interação que permite interromper e reorientar o fluxo de informação em tempo real desde qualquer ponto do espaço físico social ou informacional, aliada à virtualidade, permite que os movimentos sociais se tornem menos dependentes de lugares geograficamente determinados ou das instâncias clássicas da organização social, sejam estes os Estados, partidos ou sindicatos. O ciberespaço não substituiria os encontros físicos nem as formas pessoais de relacionamento que continuam a existir como formas fundamentais de reunião social, mas vem complementar e adicionar-se a estas relações, potencializando as formas de integração social, num momento em que as instâncias clássicas da organização social estão em crise. Daí por que agora seja possível admitir, como afirmam os movimentos contra-hegemônicos tem feito ao se referirem às reuniões de mandatários dos países mais desenvolvidos: “onde eles se reúnam, lá estaremos nós” (Seoane & Taddei, 2001:114). O ciberespaço é a ampliação e o acompanhamento das transformações globais e prolongação das capacidades cognitivas individuais e coletivas (Lévy, 1999:172), bem como o da socialização das experiências particulares e da comparação das práticas de vida.

Isto posto, pode se concluir que, mais do que as características técnicas do ciberespaço ou o contexto estrutural do sistema social, o que interessa nas novas tecnologias de informação é a forma de *apropriação* que a sociedade delas realiza, bem como o modo particular de ampliar as competências e capacidades de conhecimento individuais, constituindo o que se chamaria como uma “*inteligência coletiva*”⁴, ou a acumulação subjetiva comum, de uma sociedade universal. É a característica da universalização sem totalização, que Lévy entende como um universal que não possui nem centro nem linha diretriz, plano exato em que se articula a sociedade civil mundial, frente à sociedade

⁴ Inteligência coletiva, em Lévy, é o somatório das particularidades e experiências locais que no ciberespaço se encontram e transformam em novas qualidades: heterogeneidade de idéias revalorizadas, co-presentes, otimizadas e acumulando competências particulares. Assim, a inteligência coletiva é uma inteligência variada, distribuída por todos os lugares, constantemente valorizada, colocada em sinergia em tempo real, que engendra uma mobilização otimizada das competências...a finalidade da inteligência coletiva é colocar os recursos de grandes coletividades a serviço das pessoas e dos pequenos grupos (Lévy, 1999:199).



INTERCOM – Sociedade Brasileira de Estudos Interdisciplinares da Comunicação
XXV Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação – Salvador/BA – 1 a 5 Set 2002

política mundial: *um mundo onde cabem todos os mundos possíveis*, segundo fala a página dos comunicados do exército zapatista⁵.

Aquisição de Novos Conhecimentos e os Novos Movimentos Sociais

As possibilidades de acumulação de experiências e a dialética da práxis das ações sociais permitem que retomemos a atuação de alguns movimentos sociais contemporâneos, nas suas lutas particulares e na tentativa de ajustar suas demandas tradicionais a novos repertórios, linguagens e principalmente aos novos recursos da tecnologia da comunicação e da informação, como um novo espaço de atuação e, portanto, de conflito.

Os Novos Movimentos Sociais⁶, que surgem principalmente a partir da década de 80, estão caracterizados por sua capacidade de articulação, em geral em torno de ideologias revigoradas e cuja diretriz, apesar da simpatia às vezes manifesta, não está dada no paradigma marxista da luta de classes. Nos movimentos sociais contemporâneos, priorizam-se as determinações *macro* da sociedade, em que questões econômicas sejam mais importantes que os problemas políticos ou principalmente os culturais. Assim, o sujeito destes movimentos não está determinado por contradições e lutas de classe -não é um sujeito centrado-, mas é um sujeito coletivo difuso, não-hierarquizado, colocado contra o desigual acesso aos bens da modernidade e, ao mesmo tempo, crítico de seus efeitos nocivos a partir da fundamentação de suas ações em valores tradicionais, solidários e comunitários.

O modo como estes sujeitos têm se organizado e trabalharam seus métodos de ação não obedece tampouco a uma linha previamente determinada, mas é uma construção no processo, do mesmo modo como se constroem suas identidades. Por isto, a identidade destes movimentos é híbrida e aberta, capaz de abrigar diferentes gêneros sociais, e também de transitar por diferentes zonas identitárias sem prejuízo do conteúdo ideológico nem das suas ações. Na América Latina, alguns dos NMS contêm uma carga importante de tradicionalidade cultural e fundamentos étnicos, cujos atores são os movimentos indígenas, casos do México, da Bolívia e do Equador. No Brasil, os movimentos que tiveram atuação política relevante foram os camponeses organizados

⁵ Ver a página do Exército Zapatista de Liberação Nacional, www.ezln.org

⁶ Um trabalho singular sobre os Novos Movimentos Sociais (NMS) deve ser buscado em Gohn (1997).



nacionalmente no Movimento dos Sem Terra. Na Argentina, as Mães da Praça de Maio foram capazes de se manterem mobilizadas após o final da ditadura, em busca de informação dos filhos desaparecidos e de indícios contra os militares implicados nesses desaparecimentos, organizando bancos de dados supranacionais e provas para futuros processos políticos nacionais e internacionais.

Em todos estes casos, o que se evidenciou foi que esses movimentos haviam se constituído com uma peculiar habilidade pragmática para acumular experiências de luta e traduzi-las em métodos de organização singulares e efetivos. Assim, as estratégias tradicionais de mobilização em praças públicas ou bloqueios de estradas, por exemplo, foram complementadas com a utilização das novas tecnologias para uma articulação externa.

A tradição marxista de estudo dos movimentos sociais e de suas lutas revolucionárias costuma afirmar haver uma relação necessária entre o grau de desenvolvimento das forças produtivas e o grau de consciência de uma classe. Sob esta perspectiva, na medida em que uma sociedade incentiva o progresso tecnológico e a produção científica, e moderniza sua indústria e suas forças produtivas, ela cria as condições de desenvolvimento social, político e intelectual das suas populações. Nesta lógica de pensamento, iluminada pelos ideais da modernidade, o abandono de concepções de mundo tradicionais e mágicas seria um resultado natural da incorporação de uma visão racional do mundo e da própria história. É o processo de formação de uma consciência de classe que a tradição marxista acredita ser possível apenas no proletariado, em vista da posição que esta classe ocupa na cadeia produtiva.

Ao longo do século XX, observou-se, contudo, que o desenvolvimento das forças produtivas não implicou o surgimento de uma classe por si mesma revolucionária, bem como que o atraso estrutural de uma sociedade devesse necessariamente impedir o desenvolvimento dos seus agentes sociais em direção a uma reflexão autocrítica, projeção política e capacidade metodológica de ação. O caso exemplar na América Latina foi dado pelos movimentos indígenas -e entre eles, o neo-zapatista dos anos 90- que sem perder seus modos tradicionais de transformação da natureza, suas visões mágicas de explicação do mundo e formas de organização, conseguiram gerar importantes graus de consciência sobre si mesmos e sobre a sociedade, bem como



propor alternativas de autogestão para sua organização, desenvolvendo uma capacidade criativa que mistura lendas e tradições com discurso político e manifestos, unindo oralidade e textualidade sem prejuízo de nenhuma delas, pela via do ciberespaço.

Embora na tradição marxista afirma-se que é a luta de classes que realiza o movimento da história, verifica-se que os NMS a que nos referimos, especialmente os indígenas, apresentam suas lutas como conflitos sociais que incluem demandas de tempos históricos diversos aos constituídos na modernidade. A partir da heterogeneidade temporal e do hibridismo de identidades que misturam questões de classe, etnia, religião, ecologia e outras, os novos atores sociais propõem alternativas distintas ao modelo hegemônico e injetam novas energias à mobilização popular, imprimindo movimento ao motor da história.

Não resta dúvida de que foram grupos de jovens californianos que realizaram a transformação dos recursos da informática e da comunicação (Castells, 1999) no ciberespaço já definido, mas são também os novos movimentos sociais dispersos pelo mundo, com suas formas locais de apropriação dos dispositivos comunicacionais, que transformam o uso utilitário da multimídia e a Internet, a serviço de interesses econômicos e políticos dominantes, em um espaço novo de debate, divulgação e ampliação do universo de democratização social. A adaptação às novas tecnologias, bem como a contemporização do conteúdo discursivo, das formas de organização e métodos de ação são os elementos distintivos destes novos movimentos sociais.

Um exemplo paradigmático, muito analisado, foi o Exército Zapatista de Liberação Nacional⁷, possivelmente um dos primeiros grupos guerrilheiros a ter um *site* na Internet e a usá-lo como meio de difusão de sua luta. Desde que decidiram se conectar a um computador em plena selva Lacandona, o apoio ao movimento não parou de crescer, sendo visitados virtualmente por centenas de pessoas que querem conhecê-los ou contribuir com a guerrilha de diversas formas.

Nos comunicados, os zapatistas assumem sua identidade ideológica híbrida, misturando às suas tradições e lendas indígenas diretrizes de luta de classes. Quando seus comunicados explodem na aldeia mundial, eles reafirmam o caráter aberto dos seus

⁷ Para uma análise da apropriação do espaço da Internet pelo Exército Zapatista de Liberação Nacional, ver Rubin (1996).



horizontes políticos, incluindo em suas demandas aspirações de indígenas, camponeses, trabalhadores e desempregados, mulheres, velhos e crianças, *e todos os que têm a pobreza como presente e a dignidade como futuro*⁸.

A guerrilha sem armas, ou melhor, a guerrilha das palavras é o elemento novo e aglutinador que desperta a curiosidade e a admiração de pessoas ao redor do mundo, deslegitimando qualquer resposta repressiva do estado. A forma de mobilização dos neo-zapatistas que, certamente, não corresponde à organização inicial do grupo guerrilheiro, se estruturou no percurso do movimento, até tomar a forma atual.

De modo também progressivo, as táticas de ação foram adaptando-se aos recursos que tinham ao seu alcance. Assim, *a instantaneidade na publicização dos conflitos, possibilitada pelas tecnologias midiáticas transforma-se em arma estratégica nas guerras atuais* (Rubin, 1996), pelo elemento fundamental da surpresa, e porque desterritorializa o conflito, permitindo que o movimento neo-zapatista irradie suas demandas e visões de mundo para locais impensados pelos movimentos guerrilheiros tradicionais.

Nessa luta, o uso de um *sítio* na Internet foi o modo como outros movimentos insurgentes, sociais, políticos e culturais, encontraram para se legitimar e alcançar suas bases sociais, fazendo reconhecer globalmente suas ações. Tradicionalmente, o espaço de divulgação de propostas e comunicados dos movimentos contra-hegemônicos tem estado limitado pelos escassos recursos econômicos do movimento, bem como pelo fato de eles se tornarem alvo fácil da repressão ou porque eram impotentes perante a mídia de massa. Os baixos custos da informação veiculada pelo ciberespaço, a descentralização no controle e facilidades de propagação rápidas dos comunicados foram requisitos fundamentais para organização e crescimento dos movimentos.

De fato, admite-se que o uso da Internet não garante, pelas suas próprias características, o conteúdo substancial desses novos movimentos, cuja essência deriva, sem dúvida, das próprias histórias de luta e capacidade de organização. O ciberespaço, contudo, transformou-se num cenário importante da dramatização política e das ações públicas dos movimentos bem como da articulação e recriação dos próprios

⁸ Comunicado do Ejército Zapatista de Liberación Nacional, no 502º aniversário do descobrimento da América, in: Leon (1995).



movimentos. É lá que eles referenciam suas demandas, contam suas histórias, denunciam seus opressores e potencializam suas bases sociais de apoio. É no ciberespaço que suas histórias de luta estão registradas e onde suas experiências podem ser somadas às de outros movimentos.

Quando Gramsci (1963) aponta que na sociedade todo homem é um filósofo, porque indistintamente do seu tipo de formação ou grau de educação formal, *participa de uma concepção de mundo, observa uma conseqüente linha de conduta moral e, por conseguinte, contribui a manter ou a modificar um conceito universal, a suscitar novas idéias* (Gramsci, 1963:86), ele parece reconhecer a capacidade social latente, muitas vezes menosprezada pelas Ciências Sociais, na interpretação da organização social e no reconhecimento dos seus agentes motrizes. Igualmente, quando o *filósofo* descrito por Gramsci se comporta como um *intelectual orgânico*, isto é, quando se enlaça na vida prática como construtor, organizador e persuasor, tendo como base a concepção crítica e humanista da história (Gramsci, 1963:27), propõe considerar as ações dos grupos sociais que, na margem da história moderna ocidental, acumularam conhecimentos, vivenciaram experiências e apreenderam técnicas, para com elas se organizar e transformar a própria realidade.

Pierre Lévy parece também reconhecer estas competências particulares, disseminadas na sociedade e não validadas pelos sistemas formais de reconhecimento social. *Essas habilidades comportamentais (saber ser) e os savoirs-faire ou os conhecimentos teóricos* (Lévy, 1999:178), i.e., as competências particulares são as que dão ao ciberespaço uma apropriação diferenciada capaz de torná-lo, ou não, um novo sítio de encontro social e de novas oportunidades de debate político e de construção de uma democracia social mais igualitária, e não apenas um espaço de reprodução social da desigualdade.

Nas palavras de Octavio Ianni (1998), a uma sociedade globalizada de cima para baixo corresponde um tipo de globalização distinta dos de “baixo”.

Reflexões Finais

Pelo que foi exposto acima, as novas tecnologias e as formas de apropriação do ciberespaço não podem nem deverão substituir as formas clássicas da organização social e relacionamento. Elas vêm facilitar a comunicação entre os membros de grupos



sociais e comunidades, bem como articular o movimento internamente e com outros setores da sociedade, facilitando a irradiação da sua legitimidade e sua visão de mundo.

O uso dos recursos das novas tecnologias de comunicação e informação pelos novos movimentos populares, em geral, ainda deverá percorrer um longo caminho para se apropriarem dos dispositivos do ciberespaço em benefício das suas propostas e demandas. Observa-se que a forma linear da linguagem textual, fortemente influenciada pela imprensa escrita, ainda não foi totalmente superada, do mesmo modo como aspectos estéticos e técnicos tornam as páginas virtuais pesadas e de difícil leitura, ou negligenciam os dispositivos de interatividade e navegação fundamentais para uma comunicação em rede.

Contudo, esses erros podem ser compreendidos à luz da incipiente experiência da apropriação de um novo território, por parte dos Novos Movimentos Sociais.

O que nos interessa neste trabalho, é demonstrar o modo como setores da sociedade, longe de se diluir sob formas totalitárias, ou se fragmentar sob a crise hegemônica, encontram na alternativa do ciberespaço, um local eficiente de expressão e de construção de hegemônias alternativas.

Bibliografia

- ALTHUSSER, Louis. Ideologia e Aparelhos Ideológicos de Estado (Notas para uma Investigação), 1970. In: ZIZEK, Slavoj. *Um mapa da Ideologia*. Rio de Janeiro: Contraponto, 1996.
- BOBBIO, Norberto. *O Conceito de Sociedade Civil*. Rio de Janeiro: Graal, 1994.
- CASTELLS, Manuel. *A Sociedade em Rede*. São Paulo: Paz e Terra, 1999.
- EJERCITO ZAPATISTA DE LIBERACIÓN NACIONAL. 2 de maio de 2002. In: <http://www.ezln.org>
- FOUCAULT, Michel. *Microfísica do Poder*. Rio de Janeiro: Edições Graal, 1998.
- GARCIA-CANCLINI, Néstor. Gramsci e as culturas populares na América Latina. In: Coutinho, Carlos Nelson & NOGUEIRA, Marco Aurélio. *Gramsci e a América Latina*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1993.
- GOHN, Maria da Glória. *Teorias dos Movimentos Sociais: Paradigmas Clássicos e Contemporâneos*. São Paulo: Loyola, 1997.
- GRAMSCI, Antonio. *La Formación de los Intelectuales*. México: Grijalbo, 1963.
- IANNI, Octavio. *A Sociedade Global*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1998.
- LEÓN, Antonio Garcia de. “Prólogo. Redes de Transición, Selva de Símbolos”. In: _____ (org.) *EZLN. Documentos e Comunicados 2*. México, Ediciones Era, 1995.
- LÉVY, Pierre. *Cibercultura*. São Paulo: Ed. 34, 1999.



INTERCOM – Sociedade Brasileira de Estudos Interdisciplinares da Comunicação
XXV Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação – Salvador/BA – 1 a 5 Set 2002

- MARTIN-BARBERO, José. *Dos Meios às Mediações*. Rio de Janeiro: Ed. UFRJ, 1997.
- _____. “Retos culturales de la educación a la comunicación”, in *Comunicación, Educación y Cultura*. Relaciones, Aproximaciones y Nuevos Retos. Bogotá, Cátedra UNESCO de Comunicación Social. Facultad de Comunicación y Lenguaje, Pontificia Universidad Javeriana, 1999
- MATTELART, Armand. *A Globalização da Comunicação*. Bauru-SP: EDUSP, 2000.
- RUBIN, Antonio Albino. *As Novas Configurações da Política na Idade Mídia: os Neo-Zapatistas*. São Paulo: V Encontro Anual da Associação Nacional de Programas de Pós-Graduação em Comunicação - COMPÓS. Maio de 1996.
- SADER, Emir & GENTILI, Pablo. *Pós-neoliberalismo: as Políticas Sociais e o Estado Democrático*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1995.
- SADER, Emir. Hegemonia y contrahegemonia para outro mundo posible. In. SEAONE, José & TADDEI, Emilio. *Resistencias mundiales (De Seattle a Porto Alegre)*. Revista CLACSO, n. 3. Buenos Aires, 2001.